

24 SET 1996

Carente de oposição FHC

CORREIO BRASILENSE

A visão que o presidente Fernando Henrique tem de sua oposição parlamentar não é das mais lisonjeiras. Em recente entrevista, o presidente não hesitou em classificá-la, em tom pejorativo, como “a turma do contra”, citando especificamente o PT e o PDT.

O presidente, de certa forma, lamenta que seja assim. E nisso tem razão. Oposição faz falta — e muito. É ela a visão crítica do processo político, o olho clínico do cobrador, que induz o governante a buscar aprimoramento. Não existindo, o governante tende a incidir em alguns equívocos, o maior dos quais é acreditar demais em sim mesmo. Qualquer coincidência, quanto a isso, aliás, não é mera coincidência.

Não há oposição no Brasil desde que a esquerda, com a queda do Muro de Berlim, ficou sem projeto político. Já no governo Collor, o que havia era apenas hostilidades ao personagem Fernando Collor. Não havia um discurso concatenado e coerente contrário ao conjunto de propostas reformistas que ele apre-

sentara, tendo como *ghost writer* o embaixador José Guilherme Merquior e por conteúdo o ideal neoliberal.

No governo Itamar, isso ficou ainda mais evidente, sobretudo após a chegada de Fernando Henrique ao Ministério da Fazenda. O Plano Real não era um mero pacote econômico. Dentro dele, estava presente o ideal reformista, na mesma linha sustentada por Collor, com variação apenas de nuances. Também ali, estava (e continua a estar) embutida a intenção de reduzir tamanho e funções do Estado, ajustar o país à globalização da economia e ao estreitamento dos mercados.

O presidente se queixa de que envia propostas ao Congresso, como a que valoriza o magistério, e que PT e PDT e outros adversários, sem maiores justificativas — e sobretudo sem formular qualquer proposta alternativa —, votam simplesmente contra. Deixam assim de exercer a missão que lhes cabe e não conquistam respeitabilidade.

Sem oposição, o governo passa

a viver conflitos em sua própria base política. E esses são os piores e mais desestabilizadores. Até aqui, diga-se, o governo deve a seus próprios aliados suas piores dores de cabeça. Não sabe, por exemplo, se conseguirá retomar o processo de reformas porque não sabe se terá meios de atender aos apetites e humores de todas as facções do PMDB: o do Sarney, o do Antonio Britto, o do Itamar etc.

A insegurança em torno da reeleição deve-se mais à incerteza do comportamento futuro de Paulo Maluf, cujo PPB integra a base parlamentar do governo, que aos partidos de oposição. Percebe-se claramente no presidente o desejo de que o espaço oposicionista seja devidamente ocupado. A impressão que se tem é que se, por hipótese, encontrasse uma lâmpada mágica, como Aladim, pediria ao gênio, antes da reeleição, que lhe concedesse uma oposição de verdade. É o único meio efetivo de livrar-se do assédio dos aliados e de reduzir sua margem de equívocos.